

Poucos contra muitos: Dos defensores de Massada ao tenente Antônio João

Israel Blajberg ^a

Resumo: A história universal registra as epopeias de poucos contra muitos, batalhas assimétricas travadas por lutadores libertários, seja em Massada, no Gueto de Varsóvia, na revolta de Spartacus, seja na resistência do tenente Antônio João, contra inimigos poderosos. No ano 70 d.C., os romanos destruíram o templo sagrado de Jerusalém, determinando o início da diáspora, com a consequente opressão e sofrimentos que se seguiram, como a Inquisição, os *pogroms*, e o maior de todos os crimes, o Holocausto, que ceifou as vidas de 6 milhões de judeus. A poderosa Roma não existe mais; o povo judeu vive. A queda de Jerusalém e de Massada parecia sinalizar a derrota total do povo judeu. Entretanto, passaram-se dois milênios e retornaram os hebreus à Terra Prometida. Massada reviveu como monumento de elevado significado, enquanto os opressores de todos os tempos, dos romanos aos nazistas desapareceram na poeira dos tempos. Pelo capital simbólico que guarda similaridade com a epopeia de Massada, cabe destacar nesse texto o paralelo com o episódio heroico onde tombou o bravo tenente Antônio João Ribeiro, o “herói de Dourados”, o qual teve morte gloriosa comandando seu pelotão frente ao inimigo paraguaio, muito superior em número, e melhor armado.

Palavras-chave: Judeus, Massada, Guerra da Tríplice Aliança, Guerra assimétrica.

Massada é uma primitiva e imponente fortaleza natural de pedra em um penhasco localizada a 5 quilômetros do Mar Morto, cidadela real localizada em um planalto escarpado a 400 metros

de altura em meio ao deserto da Judéia, próximo de Jerusalém, sendo um dos pontos turísticos mais visitados de Israel. No passado era um local de difícil acesso pela chamada “Trilha da Co-

^a Engenheiro e professor. Associado titular emérito do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.



bra”, que serpenteava ao longo da encosta, cuja íngreme subida era recomendada de ser realizada nas primeiras horas da manhã, para evitar o sol forte do deserto. Hoje é um parque nacional administrado pela Autoridade de Monumentos de Israel, com toda infraestrutura necessária, incluindo um teleférico, com o bondinho suspenso em cabos que facilita o acesso, auditórios, exposições, lojas de souvenirs, restaurantes¹.

Paradoxalmente, a beleza

natural da região e as magníficas ruínas da fortaleza associam a tragédia à beleza, escondendo uma história dramática e horripilante de heroísmo, desespero e destruição, quando 15.000 homens da X Legião de Roma se concentraram naquele ponto perdido em meio ao deserto contra um punhado de judeus, que ainda resistia obstinadamente em manter a sua independência e religião, e não ser apenas mais uma província de Roma. Ao optarem pelo *Kidush Hashem*, a morte

Fig. 1 - Vista aérea de Massada, vendo-se ao fundo o Mar Morto e a Jordânia, e à esquerda o quadrilátero que marca o local de antigo acampamento romano.



Fonte: Acervo do autor



em santificação do nome divino, quando não puderam mais resistir, Massada se tornou cenário de uma das cenas mais dramáticas da história judaica.

No ano 70 d.C., os romanos destruíram o templo sagrado de Jerusalém, determinando o início da diáspora, a dispersão dos judeus pelo mundo, com a consequente opressão e sofrimentos que se seguiram, como a Inquisição, os cruéis *pogroms*², e, finalmente, o maior de todos os crimes, o holocausto, que ceifou as vidas de 6 milhões de judeus.

Entretanto, a luta contra as legiões romanas não cessou totalmente, pois um grupo de 960 rebeldes zelotes, judeus ultranacionalistas também conhecidos como sicários, tomou posição no antigo Palácio do Rei Herodes, “o Grande”, no topo da montanha de Massada, no início da revolta dos judeus contra os romanos, em 66 d.C., dominando a guarnição romana de Massada, onde resistiram à X Legião *Fretensis*, comandada pelo general Lucius Flavius Silva (Flávio Silva) até o ano 73

d.C., continuando a luta pela independência.

Era a situação clássica até hoje descrita nos manuais militares: os defensores detêm a vantagem da altura, ficando os atacantes com o ônus de escalar a montanha a descoberto. Assim, os judeus de Massada liderados por Eliezer ben Yair, conseguiram fazer frente aos romanos por três anos, graças ao suprimento de alimentos e víveres deixado em Massada pelo Rei Herodes, e a um engenhoso sistema de gravidade que captava a água da chuva no inverno e a armazenava em cisternas, que podem ser observadas até os nossos dias. As provisões se mantinham perfeitamente conservadas por décadas, face ao ar puro e seco da região.

A história universal registra as epopeias de poucos contra muitos, em batalhas assimétricas travadas por punhados de lutadores libertários contra impérios poderosos e suas máquinas de guerra muito mais avantajadas. Os séculos vão passando, os



exemplos se sucedendo, desde Massada até os bravos e desesperados combatentes do Gueto de Varsóvia, passando pela luta dos escravos liderados pelo gladiador Spartacus, e séculos depois, pelo tenente Antônio João e seu punhado de comandados enfrentando as tropas paraguaias.

Todos estes bravos tinham consciência que suas chances eram mínimas, para não dizer inexistentes, não obstante, falava mais alto o sentimento de resistência à opressão, o mesmo que animou Tiradentes, no dizer de Tancredo Neves, “aquele herói enlouquecido pela liberdade”³.

Os defensores de Massada sabiam que não poderiam manter-se indefinidamente com suas famílias entrincheirados naquele bastião de resistência na crista topográfica da montanha, ainda que possuíssem suprimentos abundantes de comida e enormes cisternas para armazenar água, com uma localização estrategicamente ideal para sustentar a posição.

Os romanos não tinham pressa, cercaram implacavelmente a fortaleza, construindo grandes acampamentos militares na base da montanha e uma rampa de acesso para permitir que suas tropas e catapultas tivessem acesso às muralhas de Massada.

Restos dos acampamentos e da rampa ainda podem ser vistas até hoje do alto de Massada, testemunho das habilidades de engenharia militar das legiões romanas. Também as pedras lançadas pelas catapultas são encontradas em meio à fortaleza.

A história, contada pelo historiador Flavius Josefus (37-103 d.C.), o “judeu de Roma”, é que o líder dos sicários, Eliezer ben Yair, percebeu que era apenas uma questão de tempo até que os romanos rompessem as muralhas.

Ele reuniu seus comandados e fez uma preleção inspiradora, sugerindo o suicídio em massa de todos, negando assim a vitória aos romanos. Josefus, nascido Yosef ben Matityahu em uma família sacerdotal, tornou-se



depois cidadão romano. Embora não esteja claro como Josefus, que passou para o lado dos romanos, soubesse dos detalhes, ele “transcreveu” o discurso de Eliezer em sua obra *A guerra dos judeus*, a única fonte escrita sobre Massada que chegou aos nossos dias:

[...] há muito tempo decidimos jamais sermos servos dos romanos, nem de nenhum outro senão do próprio D’us⁴, que é o único, verdadeiro e justo Senhor da humanidade. Fomos os primeiros a nos revoltar e somos os últimos a lutar contra eles; só depende de nós morrer bravamente como homens livres. Que nossas esposas morram antes de serem abusadas, e nossos filhos antes de terem sofrido a escravidão [...]⁵

A princípio, Josefus participou da revolta contra os romanos no ano 66 d.C. Após suas tropas serem derrotadas, foi levado a Roma, onde recebeu a cidadania romana sob o nome Flavius, lá vivendo até morrer, sendo considerado um oportu-

nista pelos próprios correligionários judeus. De qualquer modo, além da Bíblia, seus escritos são uma fonte de informações sobre os judeus e romanos de seu tempo, e personagens como Pilatos, Agripas e Herodes, tendo sido confirmados na Era Moderna, com as descobertas arqueológicas de Qumram e Massada, especialmente no que tange a guerra dos judeus contra os romanos.

Corria o ano de 73 d.C. Jerusalém havia sido destruída três anos antes, em 70 d.C. Os defensores sabiam que o fim estava se aproximando. Podiam acompanhar a aproximação constante ao penhasco pela obra da rampa de terra sendo construída pelos próprios escravos judeus capturados quando da queda de Jerusalém. Sabiam que não apenas seriam mortos, mas provavelmente seriam barbaramente torturados, e os eventuais sobreviventes vendidos como escravos.

Era apenas uma questão de tempo para que o inimigo conseguisse adentrar a fortaleza. Eram



15.000 homens fortemente armados, dispondo de grandes catapultas e estrategistas de guerra. Ademais, o governador romano Flávio Silva havia decidido acabar com este posto avançado de resistência de uma vez por todas, determinado a não permitir que um pequeno grupo de judeus desafiasse o poderio do maior império da época.

Na véspera da invasão, Eliezer Ben Yair ordenou que todos os bens dos judeus, com exceção dos alimentos, fossem destruídos, para que a comida intacta testemunhasse que, ao morrer, os defensores não estavam passando necessidade, preferindo morrer a serem escravizados.

Massada foi revelada ao mundo pelas pesquisas arqueológicas de 1963-65. O local foi escavado pela primeira vez com auxílio de jovens voluntários de Israel e do exterior, comandados pelo grande arqueólogo israelense general Yigal Yadin, que foi o segundo chefe do estado-maior geral das FDI - Forças de Defesa de Israel. Após passar para a

reserva, o mesmo tornou-se um afamado arqueólogo, profissão já exercida por seu pai.

As equipes arqueológicas recuperaram as estruturas construídas por Herodes na segunda metade do século I a.C., como enormes depósitos, uma grande casa de banhos, e o complexo do Palácio Ocidental completo, com a Sala do Trono e a Vila Suspensa de três andares, decoradas com colunatas, trabalhos em estuque, mosaicos finos e afrescos em cores vivas. Tudo nas obras de Herodes era feito com gosto pelo luxo e pela sofisticação, além da perfeição nos detalhes. Os achados – cerâmica, moedas, utensílios de osso, vasos de pedra macia, cestaria, sandálias de couro e até tranças de cabelo humano – testemunhavam a vida simples dos zelotes religiosos engajados na luta contra o imperialismo romano.

Há algumas evidências circunstanciais para o pacto de suicídio acordado pelos zelotes. Yadin encontrou centenas de cacos de cerâmica de argila com



nomes hebraicos inscritos, com vários símbolos ao lado dos nomes. Há conjecturas de que esses cacos foram utilizados em sorteios para decidir quem mataria os outros, quem seria morto e quem restaria para cometer suicídio. Por exemplo, em um saco onde havia 10 cacos, um seria sorteado para matar os outros nove e em seguida se suicidar.

Portanto, ao invés de se renderem e se tornarem escravos dos romanos, os defensores escolheram, então, o suicídio em massa, episódio controverso da história judaica, algo teoricamente injustificado perante a *Halachá*⁶, que privilegia a vida humana acima de tudo. Foi a alternativa escolhida para evitar a escravidão, tortura ou morte, ou talvez o pior de tudo a seus olhos, serem forçados a cometer *Avodá Zará*⁷ diante dos ídolos pagãos romanos, eles que eram os herdeiros do monoteísmo de Abraão e Moisés.

Um precedente trágico pode ser encontrado no Talmud, em relato da época da destruição do

templo pelos romanos. Quatrocentos meninos e meninas estavam sendo levados cativos para Roma, a fim de serem prostituídos. As crianças perceberam e resolveram se afogar, para alcançar a vida eterna no *Olam haBá*⁸. Os comentários do Talmud⁹ indicam que os meninos e meninas seguiram os mandamentos religiosos ao cometer suicídio. Era o mesmo caso dos zelotes, pois os romanos os torturariam para forçá-los a cometer atos de idolatria, imoralidade sexual e derramamento de sangue. Cometer suicídio para evitar tal degradação seria, então, apropriado pela Lei Judaica.

Na cultura israelense moderna, as ações dos zelotes são consideradas heroicas e corajosas. O mito de Massada determinou sua escolha como um dos locais onde os recrutas das FDI fazem um juramento marcante na crença e na fé do soldado de Israel, recebendo suas boinas no cume da fortaleza a luz de tochas. A tradição foi criada pelo general Moshe Dayan, quando chefe do



estado-maior geral das FDI, determinando que todos os recrutados que concluíssem o treinamento básico realizassem uma marcha a pé até Massada e prestassem o juramento neste local emblemático. “Massada não cairá outra vez” tornou-se um slogan não oficial das FDI, e mesmo nacional, com a história dos zelotes sendo imortalizada em livros, filmes e canções.

Mais tarde na época das Cruzadas, muitos judeus na região da Renânia foram assassinados pelos cruzados e muitos foram torturados até se submeterem ao batismo. As crônicas registram que vários judeus cometiam suicídio para evitar serem torturados para praticar apostasia, atos justificados por numerosos rabinos judeus medievais da época. Essa justificativa, certamente, poderia ser aplicada a Massada, especialmente porque eles estavam entre os últimos redutos da rebelião contra o Império e não podiam esperar misericórdia das legiões romanas.

Em 1969, os restos mortais dos mártires de Massada encontrados no local, foram solenemente sepultados em cerimônia oficiada pelo general rabino Shlomo Goren, então capelão-chefe das FDI, mais tarde rabino-chefe do Estado de Israel. Em uma análise legal detalhada do suicídio coletivo, o rabino chegou à conclusão de que os zelotes estavam devidamente autorizados pela Lei Judaica, pois, se alguém está nas mãos de um inimigo cruel prestes a matá-lo durante a guerra ou coagi-lo a cometer graves transgressões, como adoração de ídolos, imoralidade sexual ou derramamento de sangue, é correto que ele escolha morrer por suas próprias mãos, em vez de cair nas mãos do inimigo.

Massada, entretanto, não seria a última batalha, conforme relata o general Yigal Yadin em sua obra-prima *Bar-Kokhba: the rediscovery of the legendary hero of the second Jewish Revolt against Rome*¹⁰. Em 132-135 d.C. uma segunda grande revolta foi



liderada por Shimon Bar Kochba (“filho da estrela”). Com apoio espiritual do rabino Akiva, conseguiu libertar Jerusalém por mais dois anos, derrotando duas poderosas legiões romanas até que ele próprio foi derrotado. Esta foi a última vez que os judeus tiveram seu próprio país independente na Terra Santa, até a criação do moderno Estado de Israel em 1948. Julius Servus foi o comandante das legiões que suprimiram a revolta da Fortaleza de Betar, próxima a Jerusalém, sob o comando de Bar Kochba, a última a cair. Adriano, o imperador romano da época, destruiu então totalmente Jerusalém antes de reconstruí-la e batizá-la de *Aelia Capitolina*, com os judeus passando a serem proibidos de entrar na cidade, o que vigorou de 135 até 438 d.C..

A data da queda de Betar no calendário lunar hebraico corresponde ao dia 9 do mês de Av¹¹, sendo marcada ao longo dos séculos por uma série de eventos trágicos na história do povo judeu. Foi neste dia que os

babilônios destruíram o primeiro Templo, em 587 a.C., e que o segundo Templo foi destruído pelos romanos em 70 d.C.

Diversas tragédias marcaram a história judaica e da humanidade em 9 de Av: em 1492, os judeus foram expulsos da Espanha; em 1914 iniciou-se a Primeira Guerra Mundial; em 30 de julho de 1940, Himmler apresentou a “solução final” para o “problema judaico”; em 1942, os nazistas começaram a deportação dos judeus do Gueto de Varsóvia, na Polônia. Na década de 1950, nesse dia, ocorreu o primeiro grave acidente aéreo com uma aeronave civil israelense. Um avião da El-Al chocou-se contra uma montanha na Europa, não havendo sobreviventes entre os quase cem passageiros e tripulantes.

9 de Av é uma das datas religiosas mais importantes do calendário judaico, dia de luto fechado e jejum. Consta também na tradição judaica que o futuro Messias da casa de David, que virá para redimir a humanidade,



nascerá em um 9º dia do mês de Av. O povo de Israel reza pelo menos três vezes por dia para que tal aconteça, muito em breve, nos nossos dias. Quando isso ocorrer, o dia mais triste do calendário judaico se transformará no mais alegre dos dias, pois o Messias é que vai construir o terceiro Templo Sagrado de Jerusalém, a morada de D'us na Terra. Das sete portas da Cidade Santa de Jerusalém, existentes na muralha que rodeia a cidade, uma está permanente fechada. Ela vai se abrir para o Messias passar e seguir para o cemitério do Monte das Oliveiras, onde ressuscitará os mortos, razão pela qual os judeus não devem ser cremados, pois para tanto um pequeno osso existente no pescoço precisa estar preservado. Jesus Cristo, que era judeu e rabino teve a visão do Templo sendo destruído, com a cidade em chamas queimando, pois era profeta. O lugar de onde teve essa visão existe até hoje, e de lá se tem uma bela visão total da cidade murada, a Cidade Santa (*Ir há*

Tiká). Este ponto de observação chama-se, portanto, *Dominus Flebit* (o Senhor chorou).

Segundo o historiador Eli Birnbaum, poucas personalidades do judaísmo foram tão enigmáticas e controvertidas quanto Bar Kochba, Para alguns estudiosos, foi um herói, que, apesar da situação desesperadora, tentou unir o povo judeu e derrotar a opressão de Roma. Para outros, foi um indivíduo egocêntrico com ilusões messiânicas de grandeza. Três anos após o início da revolta, Bar Kochba comandou seus soldados em direção a Jerusalém, reconquistando a cidade de onde, com o título de *Nassi* (príncipe), proclama o restabelecimento da independência do Estado judeu.

Moedas cunhadas na época (132 d.C.) trazem símbolos religiosos judaicos e inscrições como: “Segundo ano da liberdade de Israel” e “Libertação de Jerusalém”. A derrota fez com que o Império reavaliasse a gravidade da situação e a ameaça que a vitória judaica representava para o seu poderio. A partir de então,



o imperador Adriano mandou seus melhores generais e mais poderosas legiões para a luta. Nada menos que 10 legiões, com cerca de 100 mil homens completamente equipados com armamento sofisticado para a época, com seus corpos de infantaria e cavalaria.

O povo judeu passou por inúmeros percalços ao longo dos séculos, depois de Massada. Outra guerra assimétrica aconteceu há 80 anos, entre os judeus da Europa e a Alemanha Nazista, com todo seu poderio, contra civis judeus desarmados, incluindo idosos, mulheres, crianças, até recém-nascidos. Sem nenhuma defesa nem ajuda, ainda assim tentaram resistir. Apesar de 6 milhões de baixas, esta guerra foi vencida pelo povo judeu. Enquanto o pretense III Reich que deveria durar 1.000 anos desapareceu encoberto pela pátina do tempo, o povo de Israel continua sua caminhada de quase seis mil anos, tendo afinal vencido, a um alto custo em vidas humanas, mas podendo, hoje, levantar bem

alto sua bandeira azul-e-branco de liberdade.

Há alguns anos, arqueólogos descobriram em Jerusalém fragmentos das muralhas do aquartelamento da então aguerrida X Legião Romana, enviada pelos Césares para invadir a Terra Santa. E onde está a famosa X Legião, com seus guerreiros, lanças, espadas e catapultas? Resposta – desapareceu para sempre há quase 20 séculos. Nada restou, além daqueles pedaços de pedra enterrados na Jerusalém de Ouro, capital do moderno Estado de Israel, iluminado pela luz da Torá.

De tempos em tempos são descobertos, às vezes acidentalmente, achados arqueológicos, relíquias daquela época. Este ano foi o caso de dezenas de tijolos apresentando selos da X Legião Romana. Tais tijolos provavelmente foram usados no piso de um prédio público ou de um forno que ficava em uma casa de banho e era usado pelos soldados da legião romana. A X Legião Romana chegou à Terra de Israel



no ano 6 a.C. e ajudou a estabelecer o controle romano da Judeia. Entre os anos 66-70 d.C., lutou contra os rebeldes judeus na Galileia, no deserto da Judeia e na área de Jerusalém, até a destruição da cidade e do Templo. Entre os anos 132 e 135, participou da repressão à rebelião de Bar Kochba, tendo sofrido pesadas perdas. Permaneceu na Judeia até o final do século III, deixando para trás prédios públicos e acampamentos militares.

Hitler também tentou destruir os seguidores da Lei de Moisés, era a encarnação de Amalek, assim como Haman da Pérsia. Todos desapareceram, sem conseguir abalar a eternidade de Israel. Mas antes de serem reduzidos a pó, nos buracos negros dos desvãos da história universal, muito sofrimento infligiram a tantos povos, mormente ao povo judeu, alvo de uma ideologia equivocada.

Os nazistas se reuniram na Conferência de Wansee, onde planejaram a “solução final”, erradicar com o apoio dos seus

infames colaboradores, 11 milhões de pessoas, os herdeiros espirituais dos hebreus, aprisionados na Europa ocupada, um crime hediondo que eles nomeavam de “problema judeu”. No início em caminhões fechados, depois fuzilamentos, mas era muito lento, a munição cara. Então o infame e macabro gênio germânico engendrou um processo industrial de transporte para as câmaras de gás, com o Zyklon B, e a disposição final nos fornos crematórios, como se fosse um matadouro. Um crime imperdoável e imprescritível, que desafia a compreensão humana, e que para todo o sempre será lembrado como um extremo a que o homem pode chegar, e que atingiu também o nosso amado Brasil, vitimando 2.500 de nossos patrícios, passageiros, tripulantes e marinheiros de nossos navios da Marinha Mercante e Marinha do Brasil, torpedeados pelos submarinos do Eixo, e os bravos soldados da Força Expedicionária Brasileira (FEB) que tombaram na Itália.



Na Era Moderna, o Gueto de Varsóvia foi uma repetição do episódio de Massada. Em Varsóvia, o combate foi até a morte. Em Massada o suicídio coletivo foi a opção ao combate até a morte. Do ano 70 d.C. até 1948 os judeus permaneceram na diáspora durante quase dois milênios. Coube aos jovens enclausurados no Gueto de Varsóvia, muitos menores de idade, dos movimentos juvenis, quebrar o ciclo terrível e voltar a lutar pela própria vida e pelas vidas de suas comunidades. Infelizmente, ainda hoje no Estado de Israel, continua existindo a opção existencial: derrotar o inimigo ou ser exterminado.

Pela similaridade com a epopeia de Massada, cabe destacar nesse texto o paralelo com o feito heroico onde tombou o bravo tenente Antônio João Ribeiro, o “herói de Dourados”, o qual teve morte gloriosa diante do inimigo paraguaio. Antônio João nasceu em Poconé em 1823 e morreu em Dourados, a 29 de dezembro de 1864 contando 41

anos, como herói da Guerra da Tríplice Aliança, comandante da Colônia Militar dos Dourados, na então Província do Mato Grosso. Desde 1980 é o patrono do Quadro Auxiliar de Oficiais (QAO) do Exército Brasileiro.

O mês de dezembro de 1864 entraria para a história do Brasil quando aquele tenente de Cavalaria, à frente de um pequeno efetivo de 15 homens, liderou a defesa da colônia diante das tropas invasoras paraguaias, em número muitas vezes superior. Ao tomar conhecimento da aproximação do inimigo, mandou evacuar os civis e resistiu até sucumbir em combate, derrotado pela fuzilaria paraguaia. Antes de morrer, enviou ao seu comandante a seguinte mensagem, que se tornou célebre: "Sei que morro, mas o meu sangue e o dos meus companheiros servirá de protesto solene contra a invasão do solo de minha Pátria".

O monumento aos Heróis de Laguna e Dourados na Praia Vermelha, Rio de Janeiro, recorda o sacrifício da própria vida, hon-



rando o juramento. Antônio João engrandeceu o corpo de oficiais do Exército Imperial, com seu exemplo de comprometimento com a Pátria, grandeza moral e desprendimento com a própria vida. Em 24 de novembro de 2023 completaram-se 200 anos do nascimento deste herói brasileiro.

A poderosa Roma não existe mais; o povo judeu vive. A queda de Jerusalém em 70 d.C., e três anos depois de Massada, parecia sinalizar a derrota total do povo judeu. Entretanto, o “povo eleito”, no dizer da Bíblia, suportou muitas Massadas, muitas Cruzadas e muitas perseguições. Voltaram os hebreus à Terra Prometida, e, mais uma vez, escalaram Massada, mas esperando que a antiga fortaleza dos zelotes continue sendo apenas um local turístico, uma maravilha arqueológica e que a paz venha para toda humanidade. Os filhos da luz venceram os filhos das trevas¹².

BIBLIOGRAFIA

BECHER, Mordechai. The Jews on Masada faced a tragic dilemma: surrender and become slaves to the Romans, or commit suicide and deprive the Romans of their victory? *Aish*, 25 jun. 2023. Disponível em <<https://aish.com/masada-in-jewish-law-and-ethics>>. Acesso em 12 dez 2023.

DANI, Sérgio Ulhoa. Por que continuarmos pobres e dependentes, mais de duzentos anos depois de Tiradentes? *EcoDebate*, Rio de Janeiro, 18 dez. 2007. Disponível em <<https://www.ecodebate.com.br/2007/12/18/por-que-continuarmos-pobres-e-dependentes-mais-de-duzentos-anos-depois-de-tiradentes-artigo-de-sergio-ulhoa-dani/>>. Acesso em 29 nov. 2023.

FEUER, Avrohom Chaim; FINKLEMAN, Shimon. Tishah B'Av, texts, readings and insights: a presentation based on Talmudic and traditional sources. New York: Mesorah Publications, 1992.

JOSEFO, Flávio. *A guerra dos judeus*. São Paulo: Pillares, 2022.



JOSEFO, Flavio. *História dos hebreus: de Abraão à queda de Jerusalém*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

JOSEPHUS, Flavius. *The complete works of Josefus*. Philadelphia: Porter & Keates, 1990.

ROITBERG, José. *Roitblog*. Disponível em <https://roitblog.blogspot.com/>. Acesso em 2 dez. 2023.

SOLOVEICHIK, Meir. The Story of the Jews, #4: Masada's Fall and Rise. *Aish*, 2 abr. 2023. Disponível em <https://aish.com/the-story-of-the-jews-4-masadas-fall-and-rise/>. Acesso em 12 dez 2023.

VASCONCELLOS, José Alberto. Tenente Antônio João Ribeiro: o herói de Dourados. *O Tuiuti*, Porto Alegre, n. 426, abr. 2023.

YADIN, Yigael. *Bar-Kokhba: the rediscovery of the legendary hero of the second Jewish Revolt against Rome*. Minneapolis: University of Minnesota, 1971.

NOTAS

¹ Nota do autor - Era janeiro de 1968. Aluno do 5º Ano da então Escola Nacional de Engenharia da Universidade do Brasil embarquei para Israel decorridos apenas sete meses da Guerra dos Seis Dias, com um grupo de 30 jovens voluntários, para colher laranjas em um *kibbutz*. Foi a minha primeira e mais longa (dois meses) de muitas viagens que depois se sucederiam a Israel. Os meses de janeiro e fevereiro na Terra Santa, com direito a escalas em capitais europeias na volta foram, sem dúvida, assaz enriquecedores. Muitas visitas foram realizadas, das quais Massada foi marcante. Chegamos ao Albergue da Juventude no sopé da montanha de Massada já no final da tarde da sexta-feira, ou seja, no começo do *Shabbat*, o sábado judaico, dia de descanso em que tudo para, não havendo ônibus nem lojas abertas durante 24 horas. Dormimos no albergue, único hotel das proximidades, acordando cedinho para enfrentar a subida íngreme, que hoje leva apenas cinco minutos de teleférico. Subimos a montanha de madrugada para evitar o sol forte, embora fosse inverno. Havia muito poucos visitantes além do nosso grupo. O local acabara de ser aberto ao público, após as expedições arqueológicas da década de 1960. E, no ano seguinte,



1969, ocorreriam as cerimônias de sepultamento dos restos humanos dos defensores da fortaleza lá descobertos. Naquele tempo a infraestrutura era quase inexistente. Até água tivemos que levar. Na volta, descendo a montanha, fomos “condenados” a passar o sábado no meio do nada, pois o próximo ônibus para Jerusalém só apareceria no final do *Shabbat*, ou seja, sábado de noite. Hoje, passado mais de meio século da nossa visita, a região é plena de hotéis, restaurantes, e a proximidade do Mar Morto, com grande movimentação turística, possibilita a realização de passeios conjuntos aos dois locais. Anos depois retornamos a Massada, já sob a administração estatal, quando verificamos o quanto de melhorias foram introduzidas, e as centenas de turistas que esperavam para subir na fila do teleférico. Na lojinha, comprei uma réplica de vaso em argila, e um caco de cerâmica, ambos utilizados nos sorteios para escolher quem iria matar e quem iria morrer. O nome hebraico inscrito era Elazar Ben-Yair, o comandante da revolta.

² Palavra de origem russa, que significa ataque indiscriminado contra populações judaicas motivado pelo antisemitismo.

³ DANI, Sérgio Ulhoa. Por que continuamos pobres e dependentes, mais de duzentos anos depois de Tiraden-

tes? *EcoDebate*, Rio de Janeiro, 18 dez. 2007. Disponível em <<https://www.ecodebate.com.br/2007/12/18/por-que-continuarmos-pobres-e-dependentes-mais-de-duzentos-anos-depois-de-tiradentes-artigo-de-sergio-ulhoa-dani/>>. Acesso em 29 nov. 2023.

⁴ Conforme observa Josefo, “o nome do Eterno não pode ser escrito, pela sua sacralidade”.

⁵ JOSEFO, Flávio. *A guerra dos judeus*. São Paulo: Pillares, 2022.

⁶ Codificação das leis religiosas judaicas

⁷ Do hebraico, idolatria

⁸ Do hebraico, mundo vindouro

⁹ Compilação dos ensinamentos, interpretações e discussões a respeito da Torá, a Bíblia judaica.

¹⁰ YADIN, Yigael. *Bar-Kokhba: the rediscovery of the legendary hero of the second Jewish Revolt against Rome*. Minneapolis: University of Minnesota, 1971.

¹¹ Do hebraico, *Tisha B’Av*, feriado religioso. A data é móvel no Calendário Gregoriano.

¹² Nota do autor - Ao terminar a redação deste artigo, aproximando-se o final de 2023, não poderíamos deixar de mencionar o brutal ataque terrorista sofrido por Israel em outubro. Isso porque ele se insere no espírito deste texto, ou seja, a luta de poucos (Israel)



contra muitos (inimigos de Israel), conforme refere o próprio título deste trabalho. Pois Israel é um pequeno pontinho no mapa-múndi, cercado por mais de 50 países árabes, persa e muçulmanos, quase todos francamente hostis, que pregam sua destruição. Em última análise, a Guerra de Gaza tem como pano de fundo este bloco de mais de um bilhão de habitantes, confrontado bravamente por meros 10 milhões de israelenses (entre os quais há dois milhões de árabes), como se fossem David contra Golias. No entanto, se a história judaica continuar se repetindo (e a história é como um bobo... se repete... se repete... se repete..., já dizia Balzac), *Hamas*, *Hizbalá*, *Houthis* e outros polos de terror acabarão por fracassar, juntando-se a lista imemorial onde figuram mais recentemente Hitler, Goebbels, Nasser, Saddam Hussein, Khadafi e tantos outros. Aqueles que procuraram destruir os judeus causaram muito sofrimento e morte, mas nenhum deles sobreviveu ao povo judeu, desde Amalek até Hitler, passando pelos faraós, persas, gregos, babilônios, helenos, cossacos e tantos outros, hoje esquecidos na história. O Arco de Tito, por exemplo, virou apenas uma antiguidade para ser vista pelos turistas. O *Hamas* também desaparecerá na poeira do tempo, e muito depois dele ter se esfumado,

continuaremos sendo o “povo do Livro”.